

O RIO DE JANEIRO NOS LIVROS DIDÁTICOS FRANCESES: imagens degradadas, lugares à margem

RIO DE JANEIRO DANS LES MANUELS SCOLAIRES FRANÇAIS: images dégradées, espaces marginaux

LEONARDO MOREIRA ULHÔA

Doutor em Geografia (UFU)

lulhoa@yahoo.com.br

RESUMO: ESTE ARTIGO É UM DESDOBRAMENTO DA TESE DE DOUTORADO EM QUE ANALISAMOS AS IMAGENS DO BRASIL NOS LIVROS DIDÁTICOS FRANCESES, CONSIDERANDO A PRODUÇÃO DA ICONOGRAFIA E O ATIVO PAPEL QUE DESEMPENHAM NO ENSINO DE GEOGRAFIA. NA OCASIÃO, CONSTATAMOS QUE ALGUMAS CIDADES BRASILEIRAS NUNCA CONSEGUIRAM DESVENCILHAR DE SUA IMAGEM O REFLEXO DA BALBÚRDIA URBANA, UMA VEZ QUE, ARRAIGADAS NO PREDOMINANTE MODELO DA DESORDEM E DO CAOS, PROJETAVAM OBLÍQUOS OLHARES SOBRE AS MAZELAS DE NOSSO PAÍS. NESSE CONTEXTO, TAMBÉM SE INSEREM AS NARRATIVAS E AS APOCALÍPTICAS IMAGENS DO ESPAÇO URBANO DO RIO DE JANEIRO EM TAIS OBRAS, SENDO FREQUENTEMENTE ASSOCIADAS À VIOLÊNCIA DESENFREADA, AOS CENÁRIOS DE MENDICÂNCIA, AO DESCONTROLE POPULACIONAL E ÀS DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS. A UNIFORMIDADE DESSES DISCURSOS, GERALMENTE EM TONS PEJORATIVOS, CONTRIBUI PARA SOLIDIFICAR UMA IDEIA BASTANTE UNILATERAL E PARTICULARIZADA SOBRE ESSA CIDADE. DIANTE DISSO, PROPUSEMO-NOS A REFLETIR SOBRE OS SENTIDOS IMPLÍCITOS QUE SE ENCONTRAM NA CONSTRUÇÃO ICONOGRÁFICA DOS MANUAIS ESCOLARES FRANCESES, NUMA TENTATIVA DE ABRIR CAMINHOS PARA DECODIFICAR ALGUNS SIGNIFICADOS CONSAGRADOS EM RELAÇÃO AO RIO DE JANEIRO AO LONGO DE DÉCADAS.

PALAVRAS-CHAVE: IMAGENS; RIO DE JANEIRO; LIVROS DIDÁTICOS FRANCESES; ICONOGRAFIA GEOGRÁFICA; ENSINO DE GEOGRAFIA.

RÉSUMÉ: CET ARTICLE EST LE PROLONGEMENT DE NOTRE THÈSE DE DOCTORAT, OÙ ONT ÉTÉ ANALYSÉES LES IMAGES DU BRÉSIL VÉHICULÉES DANS LES MANUELS SCOLAIRES FRANÇAIS, DONT LA PRODUCTION ICONOGRAPHIQUE JOUE UN RÔLE MAJEUR DANS L'ENSEIGNEMENT DE LA GÉOGRAPHIE. À CETTE OCCASION, NOUS AVONS PU CONSTATER QUE CERTAINES VILLES BRÉSILIENNES N'ONT JAMAIS PU SE DÉBARRASSER DE LEUR IMAGE DE CHAOS URBAIN. CE MODÈLE PRÉDOMINANT DU DÉSORDRE LEUR EST EN EFFET PROFONDÉMENT ASSOCIÉ ET PROJETTE DES REGARDS OBLIQUES SUR LES MAUX DE NOTRE PAYS. DANS CE CONTEXTE S'INSÈRE ÉGALEMENT LES RÉCITS ET LES IMAGES APOCALYPTIQUES DE L'ESPACE URBAIN DE RIO DE JANEIRO QUE L'ON RETROUVE DANS LES MANUELS, OÙ LA VILLE EST LE PLUS SOUVENT ASSOCIÉE À UNE EXTRÊME VIOLENCE, À DES SCÈNES DE MISÈRE, À UNE POPULATION HORS DE CONTRÔLE ET AUX INÉGALITÉS ÉCONOMIQUES. L'UNIFORMITÉ DE CES DISCOURS, AU TON GÉNÉRALEMENT PÉJORATIF, CONTRIBUE À SOLIDIFIER UNE IDÉE TRÈS UNILATÉRALE ET PARTICULARISANTE DE CETTE VILLE. FACE À CETTE RÉALITÉ, NOUS NOUS SOMMES PROPOSÉS DE RÉFLÉCHIR SUR CES SIGNIFICATIONS IMPLICITES QUE L'ON PEUT TROUVER DANS LA CONSTRUCTION ICONOGRAPHIQUE DES MANUELS SCOLAIRES FRANÇAIS, DANS UNE TENTATIVE D'OUVRIRE LA VOIE À LA DÉCODIFICATION DE CERTAINES IDÉES REÇUES LIÉS À LA VILLE DE RIO DE JANEIRO AU FIL DES DÉCENNIES.

MOTS-CLÉS: IMAGES; RIO DE JANEIRO; MANUELS SCOLAIRES FRANÇAIS; ICONOGRAPHIE GÉOGRAPHIQUE; ENSEIGNEMENT DE LA GÉOGRAPHIE.

INTRODUÇÃO

A iconografia dos livros didáticos franceses descortina diferentes olhares sobre o mundo que nos rodeia. Nesse contexto, as fotografias abrem caminhos para a leitura e interpretação do espaço geográfico, numa tentativa constante de revelação da realidade. Algumas vezes, elas aprisionam significados; em outras, os liberta ou os constroem. É assim que funciona a estratégia de fabricação das imagens nos manuais escolares de Geografia, como aponta Mendibil (2000), sacralizando o que se mostra e ocultando o que não é exibido. Compreender o seu funcionamento, portanto, é condição *sine qua non* para adentrar no universo de significações produzido pelas imagens fotográficas, sobretudo no âmbito da cultura escolar francesa.

É notório que nas sociedades contemporâneas e, principalmente, no ensino de Geografia, os recursos imagéticos ampliaram as possibilidades de entendimento da organização territorial em seus diferentes aspectos, uma vez que, dentre outros motivos, os espaços puderam ser condensados, as paisagens, congeladas e o tempo, cristalizado. Um exemplo dessa abordagem são as fotografias, um artefato que, materializado na superfície de papel, denuncia diferentes sombras, contornos e construções dos lugares. Mais do que isso, elas mostram as incrustações do tempo na superfície terrestre, revelando, mesmo parcialmente, as marcas e os distintivos recortes do cotidiano.

No entanto, o posicionamento de destaque ocupado pelas imagens fotográficas na esfera educativa – imprescindível para a compreensão dos temas/conteúdos geográficos –, não desconsidera que um de seus traços marcantes também seja o de produzir significados acerca do mundo. Por isso, saber olhar a imagem para decifrá-la é um desafio que se impõe para além do visível. Melhor dizendo, para decodificar os sentidos por ela estabelecidos, novos procedimentos precisam ser colocados em ação, de tal forma que o invisível, paradoxalmente, revele outros olhares sobre a realidade. A partir daí, será possível compreender o que todos olham, mas poucos conseguem avistar.

Assim, com o propósito de “desconstruir” os sentidos instituídos/cristalizados pelas imagens do Rio de Janeiro nos livros didáticos franceses, dirigimos o nosso olhar para as estratégias iconográficas que induzem a determinadas leituras da realidade, refletindo sobre a organização dos elementos que compõem os cenários paisagísticos, as ações reveladoras das tomadas de vista e a predominante escolha de alguns enquadramentos fotográficos. De forma mais incisiva poderíamos dizer que a nossa pretensão é cartografar o invisível, circundado, comumente, pela formatação da imagem e pelo “não dito” dos discursos.

Pensando nisso, selecionamos como fonte documental os livros didáticos de Geografia que foram elaborados para a *Sixième* e *Cinquième*, na França, séries equivalentes ao 6º e 7º ano de escolaridade do ensino fundamental se comparadas à estrutura organizacional do sistema de ensino brasileiro. Nesse entremeio, foram avaliados os manuais escolares publicados entre as décadas de 1990 e 2010, recorte temporal que se justifica pelas importantes reformas ocorridas no âmbito dos programas escolares, as quais influenciaram, direta e indiretamente, no surgimento das imagens do Rio de Janeiro nas obras didáticas francesas. Com base nesses critérios, delimitamos as editoras mais representativas em termos de comercialização para tal análise: *Belin*, *Bordas*, *Hachette*, *Hatier*, *Magnard* e *Nathan*. Assim, desfiemos a estrutura das imagens do Rio de Janeiro e alinhemo-las ao universo de significações que produzem nos livros didáticos, desvelando as estratégias iconográficas que dirigem o olhar do leitor para uma leitura intencional e preestabelecida da realidade.

UM PASSADO SEMPRE INCESSANTE: AS IMUTÁVEIS IMAGENS DO RIO DE JANEIRO NOS LIVROS DIDÁTICOS FRANCESES

A consolidação das imagens do Rio de Janeiro nos livros didáticos franceses deve ser compreendida, *a priori*, sob o prisma dos programas de ensino e, de modo mais preciso, a partir da década de 1980, quando o estudo dos homens nos meios intertropicais se tornou um dos

eixos temáticos da Geografia escolar naquele país. Desde então, os autores dos manuais escolares, fundamentados nas diretrizes curriculares, tomaram o modelo de organização das cidades brasileiras como ponto de partida para a discussão acerca dos problemas urbanos nos países subdesenvolvidos. Simbolicamente, certos lugares do Rio de Janeiro passaram a se correlacionar às situações que chamam a atenção para os penosos modos de vida nas grandes metrópoles, plasmando um acutilante olhar sobre as tensões socioeconômicas de nosso país.

Ao longo de décadas, as imagens e as narrativas sobre o Rio de Janeiro nos manuais escolares franceses estiveram associadas aos aspectos excludentes e miserabilistas de parte da população carioca, conforme mencionado em um dos livros didáticos publicado pela Editora *Nathan*, em 1990:

[...] A população se amontoa em barracos construídos no alto de terrenos insalubres e mal servidos por transporte. Isso são as favelas. As condições de vida ali são assustadoras: a fome, as epidemias e o desemprego fazem parte da vida cotidiana dos habitantes. Os poucos trabalhos permitem apenas a sobrevivência. A mendicância é muito difusa; veem-se cortejos de crianças mal-vestidas, raramente escolarizadas, revirando os montes de lixo à procura de algum alimento ou objeto para vender [...] (DROUILLON; FLONNEAU, 1990, p. 286).

Em complemento a tais descrições, visualizavam-se, não raramente, os modelos imagéticos que direcionavam o olhar do leitor para os elementos mais degradantes dos cenários paisagísticos, como pode ser constatado nas Figuras 1 e 2.



Figura 1: Imagem ilustrativa do capítulo “Os homens nos meios intertropicais”. Tema de estudo: As cidades tropicais – Um bairro pobre do Rio de Janeiro, Brasil.

Referência do livro didático: DROUILLON; FLONNEAU (Dir.), 1990, p. 286. **Crédito da imagem:** RAPHO/Gibet



Figura 2: Imagem ilustrativa do tema – “As cidades gigantes entre os trópicos”.

Legenda da fotografia no livro didático: Ana, criança de uma favela do Rio de Janeiro, Brasil.

Referência do livro didático: LAMBIN; MARTIN; DESPLANQUES (Dir.), 1990, p. 221.

O ponto para o qual queremos fazer uma reflexão, desde já, diz respeito à estigmatização e aos estreitos modos de se identificar o Rio de Janeiro nos livros didáticos franceses, o que tem alimentado, no decorrer de vários anos, a construção de um imaginário cada vez mais negativo de sua identidade. No plano ideológico, a perenidade das imagens e das excludentes narrativas dessa cidade significa mantê-la inferiorizada diante daqueles que “dão as regras do jogo” – ou melhor, que possuem o poder de narrar o “outro” – para, incisivamente, enraizar pensamentos hegemônicos na cultura escolar.

Desse modo, a formatação de uma imagem não é obtida espontaneamente. A composição e o posicionamento dos elementos nas fotografias resultam da intencionalidade do fotógrafo ou, se for o caso, do autor/editor de um livro didático. Estamos afirmando que a aparente despreensão de se escolher um recorte espacial, passando pelo escalonamento dos planos e, por conseguinte, chegando à primazia de uma pose, não é algo meramente casual: tudo isso guarda um diálogo com quem os produziu, mesmo que, muitas vezes, pareça inócuo aos leitores mais desatentos.

No caso das Figuras 1 e 2, por exemplo, temos nossos olhares voltados e, de certo modo, aprisionados nas formas visíveis da miséria, dado que os elementos do primeiro plano estão predominantemente mais próximos do observador. O efeito desse distanciamento produz, tanto do ponto de vista ótico quanto do olhar psicológico, a impressão de realidade, uma vez que, na concepção de Lacoste (2003), passa a oferecer os detalhes dos objetos ou dos sujeitos que se encontram no espaço geográfico. É por essa razão que os edifícios modernos e as formas de relevo presentes nos últimos planos das imagens analisadas são menos perceptíveis, já que existe ali o desejo de ocultá-los, de tal modo que as particularidades da miséria sejam efetivamente mais evidenciadas.

Paralelamente às mudanças ocorridas nos programas escolares franceses, dentre outras razões, na tentativa de melhorar e de redesenhar o seu papel no sistema de ensino, as imagens foto-

gráficas cada vez mais se consolidaram como um dos documentos centrais da iconografia geográfica, em específico nos livros didáticos. Nas reformas instituídas em 1995, a título de exemplo, as orientações pedagógicas advertiam para o fato de as imagens não se limitarem à ilustração dos temas de estudo; antes disso, deveriam ser referências culturais para memorização. De acordo com os textos oficiais dos programas, elas contribuiriam com o desenvolvimento do raciocínio geográfico e com a análise das grandes paisagens do mundo.

Embora as reformas curriculares estabelecessem, ainda, que novos conteúdos passariam a compor os eixos temáticos da Geografia escolar, tal como o estudo da metrópole de um país pobre; de imediato e, por associação, um rosário de lugares e paisagens representativas do Rio de Janeiro novamente se ritualizava nos livros didáticos franceses. Sob diversos aspectos, as imagens degradadas desse local continuavam a ser tomadas como exemplo para se discutir a pobreza no mundo, mesmo que o programa não indicasse quais cidades seriam as mais significativas em termos de ilustração iconográfica. A propósito, os eixos temáticos dos programas, em considerável parte dos casos, deixam a autonomia dessa escolha aos professores e autores dos livros didáticos.

Os atuais programas de Geografia, provenientes da reforma de 2008, vieram reforçar a importância de se estudar os modos de ocupação do planeta que, notavelmente visíveis por meio das paisagens, são analisados a partir do estudo de caso. Enquanto isso, as imagens continuam a ser os documentos que permitem aos alunos explorar o mundo e, por conseguinte, adquirir um discurso argumentativo concernente à organização do território de diferentes sociedades.

Nesse viés, as imagens do Rio de Janeiro que ilustram os livros da *Sixième* estão diretamente relacionadas aos temas da distribuição dos homens sobre a Terra e aos modos de vida nas cidades. Frente aos diversos problemas que assolam a capital do Rio de Janeiro, a iconografia dos manuais escolares franceses evidencia os

fatos intercambiáveis entre a pobreza e a riqueza, retratando frequentemente as diferentes formas de ocupação do espaço urbano, como se verifica nas Figuras 3 e 4.



Figura 3: Imagem de uma paisagem Urbana do Rio de Janeiro.

Referência do livro didático: IVERNEL (Dir.), 2009, p. 249.

Crédito da fotografia: S. Cunningham/Fotogram Stone Image / Getty-Images

Figura 4: Ilustração do capítulo “Morar na cidade” – Favela da Rocinha/RJ.

Referência do livro didático: ADOUMIÉ (Dir.), 2009, p. 271.

Nas duas figuras supracitadas, o que marca o olhar são os detalhes que se caracterizam pela descontinuidade, pela fragmentação e pelos heterogêneos estilos de habitação, com destaque para os labirintos de barracos construídos com restos de materiais que se encontram incrustados em meio aos morros. Decorre do exposto que a fabricação de uma imagem procede da escolha de um formato que envolve a perspectiva, o enquadramento e o conteúdo, conforme pontua Mendibil (2008). A partir daí entendemos que o belo e o feio são propriedades do olhar, que procura na paisagem os ângulos de vista para melhor representá-los.

Exatamente por essa razão, a tomada

de vista na Figura 3 mergulha levemente sobre o primeiro plano, de tal modo que a visão, ao se tornar mais clara, ressalta as inóspitas particularidades de uma ocupação irregular e, com discreta sutileza, deixam os últimos planos menos perceptíveis. De fato, as estratégias iconográficas definem diferentes modos de comunicação com o objetivo de guiar o olhar do leitor e criar uma linearidade na narrativa visual.

Ademais, entendemos que as pleonásticas imagens do Rio de Janeiro nas obras didáticas francesas trazem, no seu âmago, o resíduo e a sombra – ou melhor, os refugos – de seus inúmeros espaços e lugares geográficos, cuja visibilidade

simbólica é sistematicamente vista a partir da exclusão, dos excessos, do sujo e da desordem. Com isso, internaliza-se a concepção de uma sociedade “primitiva” e “não civilizada”.

Por sua vez, os livros didáticos de Geografia destinados à *Cinquième*, na mesma linha de alteridade, apresentavam o Rio de Janeiro sob a perspectiva das desigualdades socioeconômicas e dos problemas relacionados ao crescimento urbano. Na obra didática publicada pela Editora *Belin*, em 2005, na qual um dos capítulos se intitulava “Eu descubro o Brasil por meio do Rio de Janeiro”, a visão dessa cidade limitava-se na sintética compreensão dos termos favela e desigualdades sociais, contribuindo para “engessar” os significados a ela já atribuídos.

Nesses moldes – e sobrecarregado de sentidos generalizantes –, o seguinte enunciado expunha o tema: “Antiga capital do Brasil, o Rio de Janeiro resume em grande parte as situações e as imagens do país. Como **cidade gigante**, ela justapõe a riqueza e uma **grande pobreza**, em um lugar conhecido mundialmente” (CHAUDRON; KNAFOU, 2005, p. 318, grifos nossos). Nota-se que a projeção dada à expressão “cidade gigante” está intrinsecamente relacionada à adjetivação de “grande pobreza”, e mais do que isso: o texto generaliza tal característica ao restante do Brasil.

É nesse intento que Monnet (1994) questiona as descrições apocalípticas difundidas acerca do complexo imaginário que envolve os países subdesenvolvidos, comumente fundamentadas por uma uniformidade de discursos relacionados ao caos urbano. Nessa retórica, cidades como Rio de Janeiro, Nova Deli, Lagos, Bombaim, dentre outras, estão fortemente associadas a “cidades-monstro”, em função do descontrole populacional e da falta de planejamento urbano. A crítica do autor concentra-se, particularmente, nas amarras que transformam as megalópoles dos países periféricos em uma imagem “diabolizadora”, como se elas não conhecessem a ordem e se os mecanismos de controle social ali não existissem.

Não é por isso casual que as imagens do Rio de Janeiro, entrelaçadas às narrativas da balbúrdia urbana e da pauperização, contribuem para esti-

lhaçar ainda mais os olhares sobre as favelas e os imutáveis conhecimentos a seu respeito. Os retratos da miséria, notavelmente visíveis por meio das Figuras 5 e 6, além de reforçar as singularidades do modo de vida nessa cidade, agem na construção de um imaginário que se faz a partir de visões e de ideias fechadas que passam a tornar a realidade um espetáculo. Analisemo-las, pois:

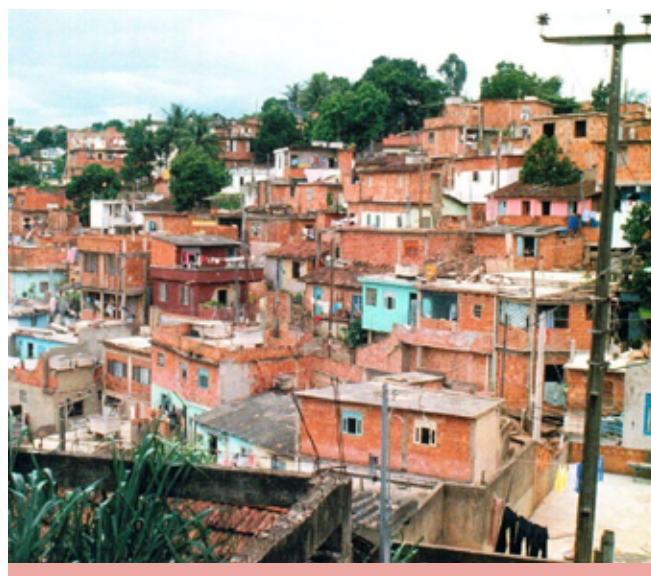


Figura 5: Imagem ilustrativa do capítulo “As cidades e seus problemas” – uma favela do Rio de Janeiro.

Referência do livro didático: IVERNEL, (Dir.), 2005, p. 335.
Crédito da fotografia: R. Evangelis Gamma



Figura 6: A favela da Rocinha – Rio de Janeiro.

Referência do livro didático: IVERNEL, (Dir.), 2001, p. 323.
Crédito da fotografia: Rassias/Diaf

Projetadas sob a influência dos programas de ensino, da cultura escolar e, evidentemente, de certo controle editorial, as Figuras 5 e 6 são imagens fragmentadas e reduzidas do Rio de Janeiro, repercutindo o persistente modo de retratar as peculiaridades de seu espaço urbano. Trata-se de uma predominância topofóbica e depreciativa da realidade que aponta para os sentidos estereotipados ou minimamente espetacularizantes da miséria. Tais imagens são constituídas, *a priori*, pelos aspectos excludentes e pelas insuficiências das formas de vida, mostrando dispersos recortes da sociedade. O enquadramento da imagem, por sua vez, contribui para autenticar o pressuposto

de que uma das principais marcas da paisagem urbana carioca é a estética das favelas – isso desconsidera todas as outras possibilidades de se ressaltar a diversidade de lugares que existem nessa cidade.

Para completar, os discursos de predominância topofóbica sobre o Rio de Janeiro destacam as favelas ora como lugares pestilentos e propícios para a propagação de epidemias, ora como locais assustadores e acompanhados, portanto, de uma narrativa de conotação repugnante. Podemos mencionar aqui algumas citações, extraídas de diferentes livros didáticos da *Cinquième*, a esse respeito:

Centenas de barracos em tijolos à mostra, mal-acabados e colados uns aos outros. Os fios elétricos são emaranhados e a água, parada; verdadeiros esgotos a céu aberto formam um terreno propício para a propagação de epidemias. O cheiro pelos lugares é pestilento. [...] Os traficantes de droga são as autoridade das favelas [...]. No Rio, as armas são a primeira causa de mortalidade entre os jovens de 15 a 29 anos (IVERNEL, 2005, p. 335).

[...] Os lixos são jogados em valas e, de certo modo, em todos os lugares. O cheiro ali é nauseante [...] Sobre a laje das casas, bem no alto, as crianças brincam. Leandro, 9 anos – com short escuro e tênis da Nike –, e seu colega têm nas mãos uma pipa. O ritual é conhecido de todos: a pipa vermelha voando ao vento significa perigo; a pipa verde indica que tudo está bem, pode-se vender a droga... Mas, é difícil conhecer a quantidade de drogas que passa de mão em mão, como também o número de cadáveres recolhidos pela polícia (IVERNEL, 2001, p. 323).

Os assaltos se multiplicam no Rio de Janeiro, principal destino turístico do Brasil. Sábado, um espanhol foi morto depois de ser baleado na nuca. Ele tentava impedir o roubo de sua máquina fotográfica por um grupo de menores. No fim de semana anterior, 24 turistas foram roubados e uma japonesa de 61 anos foi esfaqueada em Copacabana. O sentimento de insegurança é ainda mais forte que a guerra entre os grupos rivais, traficantes de droga [...] (AZZOUC, 2005, p. 349)

[...] Os grupos que traficam a droga em algumas grandes favelas são comumente chamados de “O poder paralelo” – são as forças da sombra que desafiam o Estado. Os responsáveis pela cidade sabem que há muito tempo a delinquência é grande, onde o poder público não está presente (COTE; DUNLOP, 2005, p. 316).

A persistência de ver o Rio de Janeiro como uma cidade “inóspita” e “repulsiva” não se esgota com as narrativas mencionadas anteriormente. Sob outros olhares, as imagens da violência e das desprezíveis condições de vida das crianças

menos favorecidas parecem querer definir o *status* identitário do Rio de Janeiro como uma sociedade à beira das beiras e, marcada, portanto, sob a lógica do medo e da aversão, como retratado nas Figuras 7 e 8.



Figura 7: Imagem da favela da Rocinha.
Legenda da fotografia no livro didático: A Rocinha – um clima de violência.
Referência do livro didático: CHAUDRON; KNAFOU (Dir.), 2005, p. 319. **Crédito da fotografia:** Sipa/Bizzarri



Figura 8: Uma criança em um aterro sanitário – Rio de Janeiro.
Referência do livro didático: IVERNEL (Dir.), 2001, p. 323. **Crédito da fotografia:** Bulcao/Gamma.

Assim, pode-se acrescentar à trajetória do Rio de Janeiro nos livros didáticos da *Cinquième* as imagens da insegurança e da falta de futuro como sendo produto de visões carregadas de excentricidade. Se a paz é precária, precisa ser vigiada pela polícia; se as condições de vida são desfavoráveis, ainda há uma vivacidade no olhar da criança que é destruída pelas mazelas da vida.

Alinhada a tais questões, a iconografia geográfica continuou a cristalizar diferentes simbologias a respeito do Rio de Janeiro. Somam-se a tais questões o fato de as imagens da referida cidade não possuírem data de registro, o que as fazem atemporais e, por efeito, se transformam em lugares e paisagens eternamente imutáveis.

É possível pensar que a profusão de imagens do Rio de Janeiro nos livros didáticos franceses não está totalmente desvinculada de certa *mise-en-scène* do território. Ou, em outros termos, a construção dessas fotografias nos faz acreditar que por detrás de toda a estrutura iconográfica – dada pela organização dos planos, pela escolha dos enquadramentos e pelas tomadas de vista – atuam conjuntamente com os elementos ou os objetos que se encontram na paisagem, causando-nos a impressão de teatralização; porquanto, forjam ilusoriamente a realidade. Vejamos as Figuras 9, 10 e 11, publicadas em manuais escolares de diferentes épocas.



Figura 9: Imagem de uma favela no Rio de Janeiro.

Tema de estudo: As cidades gigantes

Fonte do livro didático: IVERNEL (Dir.), 1994, p. 223. **Crédito da imagem:** F. Ancellet/ Rapho



Figura 10: Vista do Rio de Janeiro.

Tema de estudo: Os espaços regionais do Brasil

Fonte do livro didático: IVERNEL (Dir.), 2001, p. 331. **Crédito da imagem:** F. Ancellet/ Rapho



Figura 11: Crianças nas favelas do Rio de Janeiro.

Tema de estudo: A pobreza no mundo.

Fonte do livro didático: IVERNEL (Dir.), 2010, p. 265.

As três imagens precedentes inevitavelmente correspondem a segmentos espaciais do mesmo lugar. Elas formam um mosaico que se desvela quando notamos a figuração dos mesmos sujeitos fotografados em cada cena ou a presença de alguns elementos visíveis em todas elas, a

exemplo os edifícios, no último plano das três figuras. De modo bem evidente, verifica-se a existência de uma mesma criança, com roupa vermelha nas Figuras 10 e 11, as quais foram publicadas em manuais escolares de distintos anos. Isso leva ao entendimento de que diversas imagens do Rio de

Janeiro não são obtidas espontaneamente; elas são uma elaboração da realidade, não sendo a realidade em si mesma.

Seria possível afirmar que essas e outras imagens são falsas ou irreais? Claro que não. A nosso ver, são imagens construídas com um propósito preestabelecido e, nesses casos, convenientemente empregadas pelas tomadas de vista e pelos enquadramentos que valorizam os insólitos detalhes da cidade e dos modos de vida nas diferentes comunidades cariocas.

O que temos observado nos livros didáticos franceses, de maneira geral, é uma nítida preferência pelos enquadramentos fotográficos cujos ângulos se fecham diante das condições de exclusão e marginalização vivenciada por crianças e adolescentes, os quais, empurrados pelas formas de negligências, são entregues aos múltiplos aspectos da opressão, da violência e da discriminação. Nesse entremeio, a produção iconográfica ao exercer um controle sobre o campo visual, prioriza as características impactantes de um lugar, sugerindo certa espetacularização em termos da realidade. Com a pretensão de querer convencer o leitor e fazê-lo acreditar na imagem mostrada, teatralizam a cena, como acontece nas Figuras 8 e 11.

Nesses termos, as fotografias assemelham-se mais a uma encenação teatral do que a um espelho da realidade. Em certas circunstâncias, o desempenho do fotógrafo e a figuração dos sujeitos, na tentativa de parecerem espontâneos, forjam ilusoriamente a realidade por meio das poses, dos olhares e do escalonamento dos planos, inferindo leituras particularizadas de um todo. As imagens, por essa e outras razões, são representações da realidade e, ao mesmo tempo, disfarce. À guisa dessas considerações, entendemos que um dos desafios na análise da imagem é conseguir libertá-la do sentido que a mascara, examinando o que é invisível aos olhos humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens e as narrativas sobre o Rio de Janeiro nos livros didáticos franceses reverberam o espectro ideológico da sociedade que as produz.

Desse modo, elas se revestem de outras funções para além das práticas pedagógicas, assegurando o que é possível ser visto, dito ou disseminado. Muitas vezes, estilhaçam as formas de perceber, imaginar e representar o “outro”.

Assim, no vaivém de um conteúdo a outro, as imagens se refazem a partir do sujo, da miséria, da degradação e do medo, quando não fazem as vezes da barbárie e do não civilizado. Entendemos que esses aspectos apontam para uma ideia fixa e unilateral, carregada de efeitos nocivos. Sendo assim, não é desapropriado pensar que essas fotografias do Rio de Janeiro tocam incisivamente no campo do estereótipo.

É inegável que os autores/editores dos manuais escolares, por enquanto, não deixaram de olhar o Rio de Janeiro pelos ângulos convencionais, pois não conseguem oferecer novas correlações entre o espaço geográfico e outros pontos fixos da imagem; desse modo são reforçados, desde sempre, os antagonismos de uma sociedade que se estrutura a partir da dualidade entre riqueza e pobreza, valorizando e desvalorizando os mesmos lugares e as mesmas situações. Isso, obviamente, os torna caricaturais e, por conseguinte, impedem novas reflexões, na medida em que simplificam o entendimento sobre a referida cidade.

Por outro lado, é possível entender que a estruturação das obras didáticas francesas pressupõe a dualidade entre dois mundos, ancorada, no sublime modelo de organização das grandes nações desenvolvidas em oposição àquelas subdesenvolvidas. A relação entre esses dois mundos nos livros didáticos faz com que se construa um conhecimento que define uma diferença radical entre as sociedades modernas e as outras restantes, pressupondo, de modo implícito, a superioridade do modelo de organização dos países do Norte em oposição às carências e aos atrasos como sendo produtos das sociedades do hemisfério Sul – isso, no imaginário sobre o progresso, enfatiza a sua inferioridade.

A iconografia geográfica produz um mundo aparentemente construído por imagens de lugares simbólicos. Algumas vezes, domestica-se o olhar pela espetacularização de suas mazelas.

REFERÊNCIAS

- ADOUMIÉ, Vincent (Direction). **Histoire-Géographie 6e**. Paris: Hachette Éducation, 2009.
- AZZOUZ, Rachid (Direction). **Histoire-Géographie 5e**. Paris: Magnard, 2005.
- CHAUDRON, Eric; KNAFOU, Rémy (Direction). **Histoire-Géographie 5e**. Paris: Belin, 2005.
- COTE, Sébastien; DUNLOP, Jérôme (Direction). **Histoire-Géographie 5e**. Paris: Nathan, 2005.
- DROUILLON, Marie-Thérèse; FLONNEAU, Monique (Direction). **Histoire-Géographie-Initiation Économique 6e**. Paris: Nathan, 1990.
- IVERNEL, Martin (Direction). **Histoire-Géographie 5e**. Paris: Hatier, 2010.
- _____. **Histoire-Géographie 6e**. Paris: Hatier, 2009.
- _____. **Histoire -Géographie 5e**. Paris: Hatier, 2005.
- _____. **Histoire -Géographie 5e**. Paris: Hatier, 2001.
- _____. **Histoire -Géographie 6e**. Paris: Hatier, 1994.
- LACOSTE, Yves. Para que serve a paisagem? O que é uma bela paisagem? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 79, p. 115-150, 2003.
- LAMBIN, Jean-Michel; MARTIN, Jaques; DESPLANQUES, Pierre (Direction). **Histoire-Géographie-Initiation Économique 6e**. Paris: Hachette Collèges, 1990.
- MENDIBIL, Didier. Comment analyser et commenter l'iconographie géographique? In: MORINIAUX, Vincent (Coord.). **Préparer pour les épreuves: la géographie au CAPES et aux AGRÉGATINS**. Paris: Éditions du Temps, 2000. p. 137-149.
- _____. géographique. **Cybergeogeo**, Document 415, Paris, p. 1-38, 2008.
- MONNET, Jérôme. Villes-monstres et obsessions littéraires: le Caire-México. **Lettre d'information de l'Observation urbain du Caire contemporain**, n. 38, p. 25-29, 1994. Disponível em: <http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00146195>. Acesso em: 25 jan. 2012.